

OXIGÊNIO

SETEMBRO 2019



NÚMERO 1

GIL 2019
Grupo Corpo
do jeito que Deus dá



O

EDITORIAL

A Oxigênio nasce da vontade premente e urgente de respirar. Respirar esse Brasil tão grande, tão diverso, tão particular. Um Brasil que vive caindo e se levantando, sempre com força e fé, graças a essa gente bronzeada que não se cansa de mostrar seu valor. E aqui falamos de gente: gente que faz e acontece, que transforma, que luta; que não desanima e que segue em frente.

A Oxigênio tem como objetivo promover o poder do conhecimento. Porque esse é o poder que queremos. Entendemos que ter e compartilhar conhecimento faz de nós pessoas melhores, mais antenadas, mais centradas no que realmente importa e no que nos conduz ao futuro. Pessoas poderosas, portanto.

Cultura, gastronomia, natureza, decoração, sustentabilidade, arquitetura, tudo cabe nesse nosso pulmão. Tudo que seja para nos dar fôlego, levantar a poeira e dar a volta por cima.

SEJAM BEM-VINDOS!

CORPO EDITORIAL

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742

Ana Ligia Petrone
Maurette Brandt
Vera Matagueira

A Oxigênio é uma publicação mensal da Meio e Imagem Comunicação.

O

ÍNDICE

04

Vai rolar em setembro

Hebe, vem me buscar | Romance, Conto e Cordel em vozes femininas
Josephine Baker volta ao Rio com tudo | Rock in Rio: a vida começa agora há 34 anos

06

Grupo Corpo: Gil de corpo inteiro

11

Ai Weiwei – Raiz

14

Séries especiais de esculturas de Renato Morcatti na Caixa Cultural São Paulo

16

Arquitetos brasileiros finalistas do Début Trienal de Arquitetura de Lisboa

18

Sobre o útil, o inútil e o re-útil

19

Gramado: alma brasileira, coração de imigrante

21

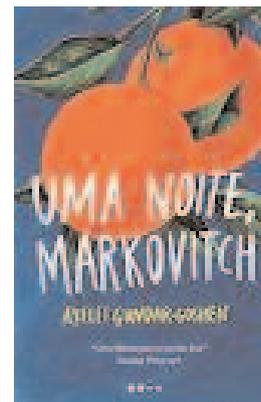
Gim: brasileiro sim senhor!

VAI ROLAR EM SETEMBRO



HEBE, VEM ME BUSCAR!

Enfim! “Hebe – A Estrela do Brasil”, com Andréa Beltrão no papel de Hebe Camargo, chega às telas brasileiras em 24 de setembro. O filme se passa na década de 1980, quando a apresentadora mais popular do Brasil decidiu imprimir um novo rumo à sua trajetória. Com figurinos, joias e até sapatos da própria Hebe, Andréa Beltrão encarna o visual, a estética e o estilo da artista. Hebe tem direção de Maurício Farias e roteiro de Carolina Kotscho. A distribuição é da Warner Brasil e Globo Filmes.



ROMANCE, CONTO E CORDEL EM VOZES FEMININAS

Jarrid Arraes (Juazeiro do Norte/CE, 1991) e Ayelet Gundar-Goshen (Israel, 1982), jovens autoras que brilharam na Flip 2019, têm em comum o fato de suas obras de estreia terem feito enorme sucesso. Enquanto a cordelista Jarrid lança seu primeiro livro de contos – *Redemoinho em dia quente* (Alfaguara, R\$ 31,88) –, no qual desafia a representação tradicional dos personagens do sertão, Ayelet recria em *Uma noite, Markovitch!* (Todavia, R\$ 64,90), um fato real: a história de um grupo de rapazes judeus que foram da Palestina à Europa para casar com mulheres judias e, assim, resgatá-las da guerra.



Lu Valiatti

JOSEPHINE BAKER VOLTA AO RIO COM TUDO

Uma longa temporada por várias capitais e várias indicações para prêmios importantes marcam o musical escrito por Walter Daguerre e dirigido por Octávio Müller, com Aline Deluna no papel principal e cenários/figurinos de Marcelo Marques.

Josephine Baker – A Vênus Negra volta ao palco do Teatro Maison de France, no Rio de Janeiro, de 12 de setembro a 6 de outubro, com sessões às sextas, sábados e domingos. Informações no site do teatro:

www.teatromaisondefrance.com.br

Tel. (21) 2544-2533.

ROCK IN RIO: A VIDA COMEÇA AGORA HÁ 34 ANOS



O Rock in Rio acontece de 27/9 e 6/10, 43 anos após a primeira edição, em 1985. Rio (9 vezes), Lisboa (7), Madrid (1) e Las Vegas (1) foram palco para 112 dias de magia: 2.038 artistas escalados, público de 9,5 milhões de pessoas, 73 milhões de árvores doadas à Amazônia, 212,5 mil

empregos gerados, 12 milhões de fãs nas redes sociais – e 143 milhões de pessoas alcançadas nas redes, só em 2017. Centenas de artistas ocuparão a Cidade do Rock em vários palcos, com transmissão direta pela TV e pela internet. É só se ligar: <http://rockinrio.com/rio/pt-BR/>

GIL DE CORPO INTEIRO

*Grupo Corpo abraça e dança todos os ritmos de Gilberto Gil
Espetáculo, que teve estreia nacional em agosto,
chega ao Municipal do Rio em 10 de setembro*

Maurette Brandt

“Não seria Gil um outro nome de Deus?”

A sugestão, entreouvida por Paulo Pederneiras numa conversa com jornalistas em São Paulo, na véspera de mais uma grande e esperada estreia, fez o cenógrafo, iluminador e diretor do Grupo Corpo respirar fundo.

– Quem falou isso, falou bem. Gil seria quase um orixá, algo tão grande que, para caber num palco, teríamos de conseguir chegar ao mínimo do mínimo na cenografia, na luz, no movimento... Não poderíamos correr o risco de reduzir tudo que ele representa – resume Paulo, de quem partiu a ideia de homenagear o cantor e compositor baiano no espetáculo de 2019 do Grupo Corpo.

O cenário inundado de amarelo-ocre, que traduz o aspecto solar de Gilberto Gil, tem somente o linóleo negro como contraste, e o efeito de uma iluminação totalmente construída com *moving lights* – ou seja, luzes comumente usadas em shows. – Foi um trabalho de chinês mesmo. E houve momentos em que achei que seria impossível fazer – revela Paulo Pederneiras.

– Um dia o Paulo chegou pra mim e disse: ‘Acho que está





na hora da gente amar o Gil’ – conta Rodrigo Pederneiras, coreógrafo que assina 36 das 40 produções do Grupo Corpo, desde sua fundação. – Adorei a ideia e mergulhei nela sem nenhuma referência específica. Acabei me inspirando em Xangô, que é o orixá do Gil, mas foi uma inspiração livre. Usei também um pouco dos movimentos do jongo, sem estabelecer qualquer relação com as danças típicas das religiões de matriz africana, que procuramos representar em *Gira* (2017) – revela.



Michelle Deslandes/Divulgação

– À medida que o Gil ia me mandando a trilha, eu ia percebendo o tamanho do desafio que teria pela frente – continua o coreógrafo. – A música é riquíssima, de uma complexidade incrível. Há referências musicais a muitas de suas obras pelo meio, mas o conjunto é bem maior que isso. Confesso que comecei muitas vezes a coreografia, antes de conseguir sentir que ela começava a entrar de verdade na pele dos bailarinos – relata. – Foi difícil, sim. Afinal, Gil é um vasto mundo. Como decifrar Gilberto Gil em movimento? É muita coisa... – resume.



José Luiz Pederneiras/Divulgação

O ESPETÁCULO SE REVELA

– A gente trabalha sem espelhos – diz Janaína Castro, há 19 anos no Grupo Corpo. – O Rodrigo mostra o movimento, a gente aprende a executar e, sempre que ele vê alguém dançar algo diferente que o inspira, ele inclui no trabalho. Gil foi um grande desafio, um processo longo, mas muito compensador. É muito bom quando a gente percebe a criação tomando forma, criando vida dentro da gente – comemora.

Paulo Pederneiras explica que os desafios de trabalhar com *moving lights* foram compartilhados com Gabriel Pederneiras, que assina junto com ele a iluminação e os cenários. – Para cada dúvida cruel ou momento de impotência,

o Gabriel vinha com uma boa solução, uma saída, um alento. Foi um trabalho muito compartilhado e bem vivido, apesar de eu ainda estar “convalescendo” – brinca.

– Para dar conta de tudo, alugamos três teatros em Belo Horizonte – diz Rodrigo Pederneiras. – Só para fazer a luz, viramos quatro noites. É muito louco, a luz segue as pessoas... não sei explicar. Mas o resultado ficou muito bom – aprova.

– A gente adora quando começa um balé novo – diz Janaína Castro. – Como dançamos cada obra durante muito tempo, quando chega algo novo é preciso a gente se ‘descolar’

do espetáculo anterior. Esse processo é muito rico, exige muita disciplina, mas o Corpo é uma equipe no sentido da palavra. Todo mundo é igual, todo mundo se ajuda, todo mundo é cobrado e cobra também. É uma forma de trabalhar que não tem paralelo e enriquece muito a gente – declara.

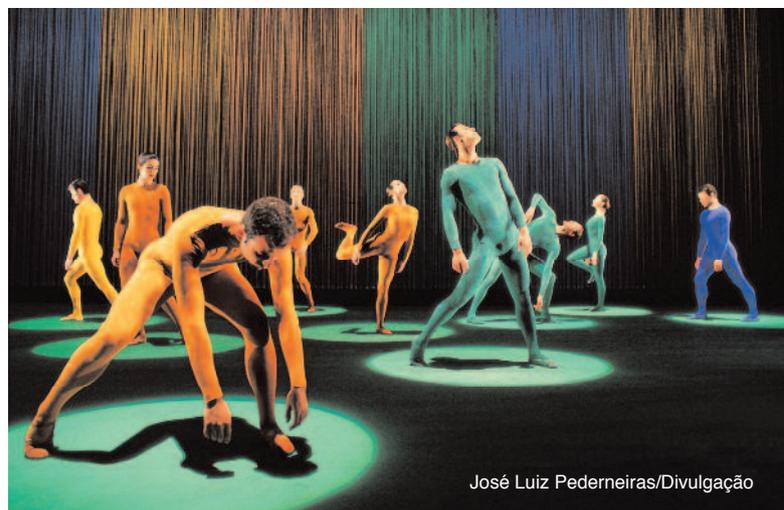
SE VOCÊ QUISER EU DANÇO PRA VOCÊ, MEU NOME É NUVEM...

Uma aula no palco, pouco antes da passagem especial para a imprensa, pode virar um espetáculo em si, em se tratando do Grupo Corpo. Enquanto, na barra, os vários corpos deste Corpo definem e redefinem ideias e sensibilidades, como meridianos que conectam as mais distintas energias, a aula de balé rege todas as vertentes de movimento que irão desembocar naquele estilo que, por mais que a gente conheça, sempre surpreende.

Não é à-toa que, ao longo dos anos, a companhia mineira – fundada pelos irmãos Pederneiras em 1975 – se tornou uma das principais referências da dança brasileira em nível nacional e internacional, desde a explosão de sucesso do primeiro espetáculo do grupo, *Maria, Maria* (1976). Foi uma virada completa em relação a tudo que se conhecia, no Brasil, em termos de dança contemporânea.

"É muito bom quando a gente percebe a criação tomando forma dentro da gente"

Coreografado pelo argentino Oscar Araiz, um dos mais importantes criadores de sua geração, o espetáculo tinha música composta por Milton Nascimento e roteiro de Fernando Brant.



José Luiz Pederneiras/Divulgação

Grupo Corpo em *Sete ou Oito Peças para um Ballet*

A produção ganhou o mundo, ficou em cartaz por dez anos e abriu caminho para uma trajetória de respeito, consolidada ao longo dos últimos 44 anos – e de 40 produções originais que legitimam, nas mais variadas versões, um conceito de movimento absolutamente singular – uma assinatura mesmo de Rodrigo Pederneiras. Isso sem falar nos figurinos personalíssimos de Freusa Zechmeister e na iluminação, cenografia e ambientação cênica de Paulo Pederneiras, além dos cenários de Fernando de Mello em diversas produções. Some-se a isso a decisão da companhia de trabalhar quase

que exclusivamente com trilhas compostas sob medida. Isso se deu a partir de 1992, ano de estreia de *21*, com trilha assinada por Marco Antonio Rodrigues e pelo Grupo Uakti. Desde então, compositores como João Bosco (*Benguelê*, 1998), Arnaldo Antunes (*O Corpo*, 2000), TomZé (*Parabelo*, 1997, e *Santagustin*, 2002), Caetano Veloso (*Onçotô*, 2005), Lenine (*Breu*, 2007, e *Triz*, 2013) e José Miguel Wisnik (*Nazareth*, 1993; *Parabelo*, 1997; *Onçotô*, 2005; e *Sem mim*, 2011) têm colaborado com a companhia.

Apenas uma exceção veio desafiar essa regra: o célebre *Lecuona* (2004), quer se tornaria um dos grandes sucessos do Grupo Corpo,

foi fruto de uma paixão musical que acometeu Rodrigo Pederneiras após encontrar, numa viagem, um disco raro com composições do mexicano Ernesto Lecuona.

– Somos muito bem recebidos em todos os lugares, tratados com carinho e extremamente valorizados. No mundo todo, as pessoas conhecem e respeitam a história e o trabalho do Grupo Corpo de uma forma muito especial – afirma Janaína Castro. E completa: – Nós somos a cara do Brasil, sem clichês. Somos o Brasil que é. E eu me orgulho demais de ser parte disso tudo que o Corpo é.



Grupo Corpo em *Sete ou Oito Peças para um Ballet*

SERVIÇO

Grupo Corpo – Gil e Sete ou Oito Peças para um Ballet
10 a 15 de setembro
Theatro Municipal do Rio de Janeiro
Praça Floriano, s/nº
(21) 2332-9191 / 9005
Terça a sábado, 20h | Domingo, 17h
Frisas e Camarotes:
R\$ 900,00 (6 lugares)
Platéia e Balcão Nobre: R\$ 150,00
Balcão Superior: R\$ 110,00
Galeria: R\$ 60,00

Vendas na bilheteria do TMRJ, das 10 às 18h, e, em dias de espetáculo, até o horário de início da récita.

Venda online:

www.ingressorapido.com.br



AI WEIWEI – RAIZ

em cartaz até 4 de novembro no CCBB e Paço Imperial, no Rio

Árvore
Uma árvore, outra árvore
Cada uma de pé e ereta.
O vento e o ar
Dizem de sua distância.
Mas abaixo da capa da terra
Suas raízes se estendem
E em profundezas que não se veem
As raízes das árvores se entrelaçam
Ai Qing, 1940

Entre as 60 obras do premiado artista e ativista chinês, há trabalhos feitos por artesãos brasileiros. Essa é a última parada da exposição que já esteve em São Paulo, Curitiba e Belo Horizonte

Ai Weiwei é um dos mais prestigiados nomes da cena contemporânea mundial. Sua obra invariavelmente desafia o governo de seu país na luta pela liberdade. Filho do poeta Ai Qing, presenciou a cena que marcaria para sempre a sua carreira: o pai queimando os livros em uma fogueira, para amenizar a implacável perseguição que se iniciava com a Revolução Cultural da China. O ano era 1966; Ai Weiwei tinha nove anos. – Investigar as origens chinesas apagadas pela Revolução é central na obra dele –, diz o curador e idealizador da mostra, Marcello Dantas. – É pelas raízes que podemos imaginar como era a árvore. E os troncos ancestrais revelam a identidade de um povo –, afirma o artista.

No Brasil, Ai Weiwei fez questão de absorver a cultura local e moldar objetos que representam a biodiversidade, a paisagem humana e a criatividade brasileira. E utilizando o maior pequi-vinagreiro em pé (embora morto) do sul da Bahia, fez um molde para uma escultura de ferro de 36 metros de altura e mais de 200 toneladas. Um filme deste processo faz parte da mostra, mas a obra só estará pronta daqui a um ano. Dezenas

de chineses foram para Trancoso, onde trabalharam com Ai Weiwei na árvore – que tem 1.200 anos –, produzindo uma série de esculturas feitas com suas raízes milenares.

Ai Weiwei também esteve em Juazeiro do Norte, onde coordenou a produção de 200 esculturas de madeira no estilo dos ex-votos feitos por artesãos de Juazeiro do Norte (CE). Elas reproduzem imagens emblemáticas de sua obra, como o dedo médio em riste na frente de monumentos turísticos e na recriação da foto do menino sírio Aylan, morto na praia de Lesbos, na Grécia, que chocou o mundo. Trabalhos com couro e o alfabeto armorial, de Ariano Suassuna, também fazem parte do conjunto de obras, assim como o múltiplo formado por moldes em porcelana de quatro alimentos tipicamente brasileiros que, com as iniciais de seus nomes, formam a palavra FODA: [Fruta do Conde, Ostra, Dendê e Abacaxi.

Forever Bicycles (Bicicletas Para Sempre) é uma das obras mais conhecidas do artista, também reverenciado pela monumentalidade de suas instalações. Essa criação, composta

Obras de Juazeiro do Norte (assim nomeadas por Weiwei ao vê-las)

Martin (Sete Raízes)

Fotos: Carol Quintanilha



por mais de mil bicicletas de aço inoxidável, está na área externa do CCBB. A obra é um *ready-made* de Ai Weiwei – ele se apropria desse objeto icônico da cultura chinesa, que até recentemente foi o principal meio de transporte usado no país. Para o artista, que passou a infância no exílio com sua família durante a Revolução Cultural Chinesa, a bicicleta representava também a ideia de liberdade.

Outros exemplos de instalações monumentais são *Sunflower Seeds* (Sementes de girassol), obra composta por milhões de sementes de girassol feitas em porcelana e pintadas à mão por artesãos chineses, e *Straight* (Reto), instalação feita com 164 toneladas de vergalhões de aço recuperados dos escombros de escolas em Sichuan (China), após o forte terremoto que abalou o país em 2008.

Nesse mesmo conceito insere-se *Grapes* (Uvas), obra que une 32 bancos de madeira da Dinastia Qing, por meio de técnicas tradicionais de marcenaria chinesa. *Martin e Level* (Nível), que fazem parte da série *Seven Roots* (Sete Raízes) e que foram criadas a partir de raízes desenterradas, encontradas na região de Trancoso, seguem o mesmo princípio e foram concebidas no espírito de unir contextos culturais chineses e brasileiros.

Weiwei também é conhecido por tensionar o mundo contemporâneo e os modos tradicionais chineses de pensamento. Sua obra-prima,

Dropping a Han Dynasty Urn (Deixando cair uma urna da dinastia Han), mostra o jovem artista derrubando intencionalmente uma urna cerimonial de aproximadamente 2.000 anos, da Dinastia Han, período da história da civilização chinesa. A ação subversiva e transformadora foi captada e convertida em três imagens que vêm sendo expostas em mostras por todo o mundo. A versão em peças de Lego é a que veio para o Brasil. Em *Panda to Panda* (Panda a Panda), o artista e o ativista Jacob Appelbaum recheiam vinte ursos de pelúcia com documentos confidenciais vazados pelo analista de sistemas Edward Snowden. Dentro de cada panda, há ainda um dispositivo USB com um cartão de memória micro-SD, que contém o backup desses documentos confidenciais. Em *Moon Chest* (Cofre de Lua), uma série de baús que representam as quatro fases da lua levam os visitantes a atravessarem a instalação.

A crise mundial de imigração, tema recorrente na produção do artista, está presente na exposição com *Law of the Journey - Prototype B* (Lei da Viagem - Protótipo B), concebida após uma temporada na ilha grega de Lesbos, uma das principais entradas para a União Europeia. A obra consiste em um barco inflável de 16 metros de comprimento com figuras humanas feitas de PVC reforçado. A instalação ficará exposta no Paço Imperial, junto com outros 14 trabalhos do artista.

Lei da Viagem (Protótipo B)



SERVIÇO

Ai Weiwei – Raiz | Até 4 de novembro de 2019

CCBB RJ – Rua Primeiro de Março, 66, Centro, RJ
De quarta a segunda, das 9 às 21h
Entrada Franca

Paço Imperial – Praça XV de Novembro, 48, Centro, RJ
De terça a domingo, das 12 às 19h
Entrada Franca

SÉRIES ESPECIAIS DE ESCULTURAS DE RENATO MORCATTI NA CAIXA CULTURAL SÃO PAULO

Série Nós



Ao todo são 796 objetos cerâmicos desenvolvidos com técnicas distintas e 13 desenhos. A exposição já esteve em Brasília, BH e Rio de Janeiro

Fotos: Vicente de Mello



Série Entre

Até 3 de novembro, a Caixa Cultural SP recebe a mostra *Pirajá*, um conjunto de objetos cerâmicos de pequenos formatos, construídos em três técnicas distintas – entalhe, modelagem e fundição –, e queimadas na técnica Bizen.

Acostumado a criar com materiais diversos como madeira, argila, cimento, aço, entre outros, Morcatti incluiu a cerâmica em seu repertório escultórico nos últimos três anos, instigado, talvez, por um desafio que surgiu a partir de conversas com a ceramista Erli Fantini. *Pirajá* é justamente o resultado dessa incursão pela técnica da cerâmica. A mostra é composta por quatro séries: *Entre*, *Nós*, *Segredos*

e *O Guardião*. Cada uma delas é feita de múltiplas pequenas peças que, dispostas em conjunto,

espelham a intenção do discurso do artista. – Sou um artista escultor e desenhista; logo, quando vejo a escultura, enxergo também o desenho dela. Trabalhar com cerâmica em grandes formatos é um processo difícil, é preciso uma olaria como a de Brennand, em Pernambuco. Então fui produzindo pequenas peças e passei a enxergar o desenho das esculturas não na unidade, mas no conjunto –, explica Morcatti.

Entre tem 290 peças; *Nós*, 215; e *Segredos*, 270. O conceito de partes que formam o todo

está no título da mostra: *Pirajá*, do tupi, nasce da junção dos termos *pira* (peixes) e *já* (repleto), e significa “lugar onde se colocam os peixes para serem tratados” ou “o que está repleto de peixes”. – O que me interessa neste trabalho é isso: quanto maior o conjunto, mais o desenho da obra se expande no meu pensamento escultórico, afirma Morcatti.

– As séries de esculturas e desenhos apresentam para o público o interesse do artista pelo múltiplo, pela profusão, pela repetição e pela organização em conjuntos – destaca Fernanda Lopes, que assina um dos textos críticos da mostra.

AFETO E MEMÓRIA

O fio que une as séries *Entre*, *Nós* e *Segredos* é feito de afeto e memória. Na série *Entre*, um conjunto de pequenos totens “trancados” em gaiola de aço retangular remete a questões sobre liberdade, opinião e posicionamento. Em *Nós*, molhes de chaves simulados, unidos por anel de couro e suspensos em um vergalhão, tratam subjetivamente da instituição família e de seu significado em plena mutação na sociedade. Em *Segredos*, aparecem objetos cerâmicos que são a representação da linha de encaixe dos segredos das chaves que fazem girar o tambor. Apresentados em agrupamento, suas formas não são plenamente identificáveis ao olhar do observador, o que sugere impressões sobre o binômio masculino/feminino – e os papéis que são atribuídos a cada um.

A mostra apresenta também uma quarta série, intitulada *O Guardião*. É composta por oito peças, que Morcatti gosta de definir como um “anti pan-óptico” - já que funciona como um “espectador” dos espectadores que trafegam pelo universo escultórico concebido pelo artista.

Em paralelo, o público será apresentado às obras *Escala Madre* e *Ostiário*, compostas, respectivamente, por oito e cinco desenhos.



Desenho *Escala Madre*

SERVIÇO

Pirajá - Renato Morcatti | Até 3 de novembro
Caixa Cultural São Paulo – Praça da Sé, 111, Centro, SP
Terça a Domingo das 9h às 19h
Entrada gratuita



Casa de Lata

Que exemplos os jovens arquitetos do país podem mostrar ao mundo?

ARQUITETOS BRASILEIROS FINALISTAS DO DÉBUT TRIENAL DE ARQUITETURA DE LISBOA

A menos de um ano da realização do Congresso Mundial de Arquitetura, que acontecerá em julho de 2020 no Rio de Janeiro, dois escritórios de jovens arquitetos brasileiros estão entre os dez finalistas do Prémio Début Trienal de Arquitetura de Lisboa Millennium BCP: o **gru.a**, do Rio de Janeiro, que se dedica à integração entre artes plásticas e arquitetura, e o escritório de arquitetura **sauermartins**, de Porto Alegre/RS, que tem como objetivo desenvolver projetos públicos e privados, utilizando a arquitetura como um instrumento capaz de transformar realidades. A seleção dos finalistas ficou a cargo de arquitetos de Portugal, Espanha, Itália, Japão, Croácia e Chile; o vencedor, que receberá um prêmio de 5 mil euros, será anunciado em outubro. A premiação chega à sua terceira edição

em 2019 com o objetivo de celebrar o trabalho e impulsionar a carreira de arquitetos de até 35 anos de idade.

O escritório de arquitetura sauermartins vem acumulando prêmios. Somente em dezembro do ano passado foram três: “Novos Talentos”, promovido pela Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura – AsBEA 2018; “Jovem Arquiteto e Urbanista 2018”, promovido pelo Sindicato dos Arquitetos do Rio Grande do Sul; e “Menção Honrosa” na premiação promovida anualmente pelo Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento de São Paulo, IAB-SP. Além disso, dois projetos do escritório estiveram presentes na Bienal de Arquitetura de Veneza, encerrada em novembro passado. Um deles foi *Travessias* –

concebido para valorizar e recuperar arquitetonicamente as áreas degradadas, que surgem nos baixios dos viadutos de Belo Horizonte; e o outro, a Casa de Lata.

CASA DE LATA

O projeto da Casa de Lata integrou a mostra Y.A.L.A (Young Architects Latin America). A casa, que se apresenta externamente como um bloco monolítico, abre-se para os espaços internos e convida a claridade e a natureza para serem parte de uma convivência harmônica que inclui o todo. A distribuição de casa, jardim e garagem proporciona ao mesmo tempo integração e privacidade aos ambientes. O projeto se relaciona com a paisagem natural e com o entorno urbano da cidade de canela/RS, onde está localizada a propriedade.

O terreno foi muito valorizado pelos arquitetos Cassio Sauer e Elisa Martins, e a construção interferiu o mínimo possível na área livre. A edificação é distribuída em blocos específicos, que convergem para o espaço aberto – e a posição da casa prioriza a iluminação natural. Nesse sentido, o vidro é um aliado importante. Madeira e metal se complementam para exibir visuais nada ortodoxos, que criam impacto e, ao mesmo tempo, recuperam técnicas utilizadas em antigas construções, como o tratamento da madeira na fachada externa, uma tradição da região.

ARQUITETURA PARA CONVIVER E INTEGRAR

Os arquitetos e sócios do escritório sauertmartins têm particular interesse em estudar e exercitar o papel da arquitetura diante dos desafios impostos pelas principais questões enfrentadas pela sociedade. Para eles, que buscam atuar na área profissional e acadêmica simultaneamente,

a arquitetura é um instrumento para transformar realidades. Métodos construtivos simples, integração de espaços e áreas de convivência e o uso de materiais locais estão na base da maioria dos projetos da dupla.



Travessias

O TEMPORÁRIO, O EVENTUAL E O MULTIPLICÁVEL

Muitos dos projetos de Cássio Sauer e Elisa Martins são alternativas consistentes para espaços temporários, como o *parklet* itinerante, estrutura efêmera e modular que pode ser montada em praticamente qualquer lugar, ou o pavilhão da X BIAU – Bienal Iberoamericana de Arquitetura e Urbanismo (São Paulo, 2016), delimitado por uma série de módulos compostos por andaimes.

Já no projeto de reforma do edifício que hoje abriga a nova Biblioteca do Direito da USP, requalificar o espaço era prioridade, devido ao baixo pé direito dos andares. Isso levou à criação de vãos que ampliassem a profundidade e a perspectiva, além de gerar espaços de convivência mais arejados e confortáveis para os frequentadores. O conceito de multiplicar os usos dos espaços foi explorado também no projeto de uma escola para a Guiné-Bissau, dentro de um conceito de espaços expansíveis, que se alteram de acordo com as atividades da escola.

SOBRE O ÚTIL, O INÚTIL E O RE-ÚTIL

*O luxo do lixo – clichê ou contemporâneo?
Essa é a proposta da cineasta
Aída Marques e da arquiteta Alice Rosa,
que dão novo sentido a materiais descartados
ao criar peças únicas*

No princípio era só um *hobby*. Mas a nova tendência de transformar, reutilizar, ressignificar se impôs. Assim nasceu a parceria da cineasta Aída Marques e da arquiteta Alice Rosa. Mesas, poltronas, luminárias e quadros confeccionados e/ou reciclados a partir de chaves descartadas, pedaços “inúteis” de madeira, móveis velhos jogados fora e ferramentas em desuso formam um conjunto de obras que iniciam um novo percurso, transformados em arte utilitária e decorativa.



Quadro *Eletrônicos*

– Vivemos um momento em que toneladas de materiais reutilizáveis são descartados diariamente. Renovados, ao contrário, passam a ter lugar de destaque em nosso dia a dia.



Escrivaninha Dom Quixote

Nossos trabalhos somam o fazer artístico à utilidade de cada uma das peças – afirma a cineasta Aída Marques. Engajadas num novo pensar sobre o esgotamento de todas as reservas do planeta e sobre o consumo desenfreado em detrimento da qualidade e da criatividade, “a habilidade de ressignificar e transformar elementos do cotidiano em peças únicas pode contribuir para mudar a percepção das pessoas”. – conclui a arquiteta Alice Rosa.

O trabalho da dupla teve início há dois anos, quando Aída – que nas décadas de 1970 e 1980 dedicava-se à criação de chapéus e cintos, para juntar dinheiro e estudar cinema em Paris – viu um leilão de móveis usados em um site e resolveu comprar uma peça para modificá-la. Gostou do resultado da transformação promovida e passou a dedicar seu tempo livre a novas criações. Para a empreitada, convocou a amiga arquiteta, Alice Rosa. Juntas se dedicaram à criação de peças únicas que se transformam em objetos de desejo, além de despertar o interesse de um público cada vez mais preocupado com o desperdício.

As peças podem ser encontradas no Facebook da dupla: <https://www.facebook.com/aidaealice> – e também no Instagram: @aidaealice

GRAMADO: ALMA BRASILEIRA, CORAÇÃO DE IMIGRANTE



Avenida Borges de Medeiros

Cleiton Thiele



Igreja Matriz São Pedro

Cleiton Thiele

*Sonho de inverno para quem vive no calor,
é na primavera que Gramado desabrocha todo um espectro de cores e beleza*

Conhecer Gramado vai muito além de um desejo. Arquitetura, sabores e uma poética europeia, porém regada a chimarrão, conspiram para que o visitante tenha uma experiência estimulante e variada. A cidade, que esbanja riquezas naturais por todos os ângulos, encanta, emociona e seduz de variadas formas – no conjunto, nos detalhes, na tranquilidade que transpira.

O romantismo do outono, com temperaturas amenas, o aconchego da lareira e do vinho no inverno e a energia do verão criam climas mágicos em Gramado; mas o espetáculo da primavera, que já está chegando, é de uma intensidade toda especial, marcado pelas floradas multicoloridas que transformam a paisagem num verdadeiro painel em tons que fariam inveja a muitos pintores. Monet

decerto se regalaria, se pudesse empregar seu gênio para retratar os infinitos tons de Gramado, nesta época do ano.



Lago Negro

Leonid Streliaev

DA ARQUITETURA À GASTRONOMIA, MUITAS SURPRESAS

A cidade Jardim das Hortênsias dificilmente poderia ser desvendada em uma única visita. Sua arquitetura europeia esbanja elegância e as belezas naturais são um capítulo à parte. Os roteiros são variados e cheios de surpresas. Um simples passeio pelas ruas centrais da cidade já transporta o visitante para um mundo diferente. Basta entrar num café charmoso, cheio de tortas exclusivas e chocolate quente gaúcho para trazer um aconchego ao coração.



Pórtico

Cleiton Thiele

Tem a Rua Coberta, que traz um encanto especial à noite da cidade, e que no Natal se transforma com a decoração festiva; tem o Palácio dos Festivais, sede do célebre Festival de Gramado, a grande festa do cinema nacional; e a Igreja Matriz de São Pedro, um símbolo da cidade. Praça das Etnias, Casa do Colono, Lago Negro, Praça Major Nicoletti, Centro Municipal de Cultura, Lago Joaquina Rita Bier, Belvedere... São muitos os lugares a visitar e os roteiros temáticos que podem ser explorados.

FESTIVAL DE CULTURA E GASTRONOMIA

Em pleno setembro de cores e flores, quando os termômetros sobem alguns graus, o Festival de Cultura e Gastronomia de Gramado – que acontece de 5 a 22/9 – é uma excelente opção de primavera. Verdadeira imersão nos sabores e sutilezas da culinária da região, oferece oficinas diversas em gastronomia, além de degustação de vinhos, espumantes e cervejas. Shows e intervenções artísticas não faltam, para trazer mais emoção e alegria à festa.

Gramado oferece uma das maiores infraestruturas turísticas do Rio Grande do Sul, entre hotéis, pousadas, restaurantes, cafés e mais de 50 espaços de entretenimento. Tudo isso a transforma num dos destinos turísticos mais desejados do país. Basta cruzar o portal da cidade para entrar no clima e descobrir, em Gramado, o cenário perfeito para uma viagem inesquecível.



Leonid Streliaev



GIM: BRASILEIRO SIM SENHOR!

Deise Novakoski

É notável a moda dos drinques ressurgindo entre os destilados, e a estrela da hora é sem dúvida o gim. Entre alta e baixa estação dessa ou daquela bebida, a indústria nacional sempre sofreu consideravelmente. Na onda da tequila, por exemplo, a opção do consumidor era aderir à bebida mexicana ou ir ao México desfrutar de um produto nacional. Antes tivemos a moda do rum, com a piña colada, e duas décadas depois a onda dos mojitos. Os drinques à base de vodka também já mexeram com a produção dos destilados nacionais, e até a indústria conseguir produzir uma bebida de qualidade e credibilidade junto ao consumidor foram anos.

Com o gim, no entanto, não há desconforto monetário e desequilíbrio na balança comercial. Os fabricantes de destilados de boa qualidade investiram rapidamente na produção da bebida e estão surfando com produtos de alta qualidade. Ótimo para o consumidor!

As seduções e os encantos do gim são muitos: extremamente refrescante, é ideal para nosso clima tropical. O álcool neutro – que é a base onde a bebida receberá os condimentos, particularmente o zimbro, principal característica

olfativa dos gins – pode ser feito com qualquer produto que sobre de uma safra, desde que seja possível levantar fermentação e depois destilar. No caso do Brasil, claro, é a cana-de-açúcar. Razão pela qual a Academia da Cachaça, no Rio de Janeiro, promoveu este ano a temporada “GIN CANA” – e depois disso incorporou as bebidas à sua carta, nos bares do Leblon e da Barra.

É importante apontar que, apesar do tremendo sucesso do gim entre os consumidores, poucos sabem que, entre algumas marcas nacionais, há gins premiados! Todos com a cana como ingrediente para a produção da bebida. Para o preparo dos drinques, foram escolhidos três produtos orgânicos com pegadas bem diferentes.

GIM WH48 – Feito por Evandro Weber na Destilaria H. Weber em Ivoti no Rio Grande do Sul. Tem o estilo *London dry gin* e são utilizadas em sua produção as infusões da tradicional erva-mate gaúcha que proporciona leve amargor, além do gengibre nativo do lote 48 da Família Weber e folhas de cana-de-açúcar frescas, que o tornam único no mundo.



Gim WH48



Gim Vitória Régia



Gim Virga

Na mesma planta/destilaria, em Ivoti, com cana de outro lote, Ewin Weimann produz para a marca Carmosina a linha de cachaças Yaguara e o gim Vitória Régia. À base neutra do álcool são misturadas infusões feitas com zimbro, pimenta-da-Jamaica, semente de coentro e cardamomo. Por último, 30% de outro destilado de botânicos. O resultado é um gim seco, leve e fácil de se misturar com a maioria dos ingredientes.

O Virga é um fenômeno como bebida e também um fenômeno meteorológico chamado de “chuva fantasma”, que ocorre quando a precipitação da água das nuvens evapora antes de atingir o solo. Semelhante ao que ocorre dentro dos alambiques de cobre, quando os vapores do álcool evaporam, condensam e precipitam na forma de destilados como runs, cachaças, uísques e gins de qualidade. Produzido pelos amigos Joscha Niemann, Gabriel Foltran, João Lucas Leme e Felipe Jannuzzi, acaba de ganhar o prêmio de Melhor Gim Contemporâneo do Brasil pelo *World Gin Awards*.

Além de zimbro, sementes de coentro e pacová, na elaboração do Virga é usado um ingrediente inédito: pequenas doses cachaça pura de alambique, trazendo os aromas primários da cana-de-açúcar na sua receita. Uma cachaça feita especialmente para o Virga, e que é produzida na própria fazenda Guadalupe, onde é feito o gim.

Os drinques:

WH 48: gim + finas fatias de pepino + água tônica

Vitória Régia: gim + limão galego + manjericão + açúcar de coco + água tônica

Virga: gim + bitter de açafraão + estrela de anis

CURIOSIDADE:

Você sabia que houve na Inglaterra um período conhecido como “a loucura do gim”? No século XVIII, enquanto os ricos tomavam bebida de qualidade, os mais pobres criaram uma versão mais barata, desencadeando um alcoolismo coletivo e violência nas ruas. Em 1723, o consumo per capita da bebida na cidade era de 568 ml por semana.

Deise Novakoski é Sommelière/Bartender
deisesommeliere@gmail.com

FALE COM A GENTE!

(21) 3807-6497

oxigeniorevistabr@gmail.com

Envie seus textos, sugestões de pauta, colaborações, imagens, publireportagens.

Anuncie.

Vamos SEMPRE dar um retorno.

OXIGÊNIO

é uma publicação mensal da Meio e Imagem Comunicação

Periodicidade: Mensal – 1º dia útil do mês



O

OXIGÊNIO

**TUDO QUE INTERESSA
A PLENOS PULMÕES**

Respiremos!

É hora de **respirar**, de tomar **fôlego**,
de **conseguir**. Mas **conseguir o quê?**

Conseguir falar de tudo. E conseguir **berrar**
a plenos pulmões! **Arte, arquitetura,**
decoração, entrevistas, natureza,
sustentabilidade, gastronomia,
Rio, Brasil, Mundo.

Uma coisa bacana sobre **esporte?**

'bora lá, tamo nessa!

A **respiração** é fundamental
para a **oxigenação** do cérebro.

E o importante é **oxigenar** o cérebro.

Então... respiremos!